

## AS MULTIDÕES: ILUMINAÇÃO, DEAMBULAÇÃO E OCULTAMENTO

Dulce A. Adorno SILVA

Professora no Instituto de Letras e no Instituto de Artes,  
Comunicações e Turismo / Puc-Campinas

### RESUMO

*Para delimitar o conceito de multidões, diferenciando-as das massas, parte do crescimento das populações urbanas, no século XVIII, devido ao grande contingente populacional expulso do campo, à não absorção pela indústria de toda essa mão-de-obra disponível e à sua conseqüente marginalização, o que representou uma ameaça ao cidadão pacato, principalmente à noite. Como reação à falta de segurança, surge a iluminação que, em vez de revelar os agressores, oculta-os porque são obrigados a permanecer andando sob as luzes, nas vias públicas, criando a imagem das multidões. Finaliza analisando o conto de Poe, O Homem das Multidões.*

*Palavras-chave: Multidões. Iluminação. Massa.*

### ABSTRACT

*The purpose of this paper is to delimit the concept of crowds differentiating it from masses of people. During the XVIII century part of the growth of the urban population was due to the large number of people who were driven away from the countryside. The industry was not able to absorb all this working force. These people became marginalized representing a threat. As a reaction to the lack of security illuminations was introduced, but instead of revealing the aggressors it obscured them, since they were forced to wander under the lights, in public places, therefore creating the image of crowds. The end of the article analyses Poe's short story - The Man of the Crowd.*

*Key words: Crowds. Illumination. Mass.*

Entre a palavra “multidão”, que indica grande quantidade de indivíduos reunidos, e a palavra “massa” existem diferenças; mas parece haver certa indefinição quanto aos limites conceituais, visto que são usadas, muitas vezes, indistintamente. Os próprios verbetes do dicionário<sup>1</sup>, ao conceituá-las, aponta para a existência do “contato físico ou imediato dos indivíduos” e “a reação semelhante aos mesmos estímulos”. Não se pode discordar das características que dizem respeito ao agrupamento social, plural e heterogêneo de indivíduos, mas contato físico e reação aos mesmos estímulos parecem mais conformar-se ao conceito de massa<sup>2</sup> do que ao de multidões.

Este trabalho pretende, portanto, esboçar um estudo que delinieie os limites existentes entre as duas concepções, chegando à análise do conceito de multidões, que se desenvolve no conto *O homem das multidões* de Edgar Allan Poe.

### As multidões, um fenômeno da revolução industrial

O crescimento rápido e contínuo da população urbana é, sem dúvida, um dos motivos do aparecimento das multidões. Esse fato aconteceu na primeira metade do século XVIII, quando um imenso contingente populacional se desloca do campo para as cidades. A população de Londres, que era de meio milhão de habitantes, passa para cinco milhões e meio em 1700 e para seis milhões e meio em 1750.

Letícia Bicalho Canêdo<sup>3</sup> cita como causa do crescimento populacional nas cidades a mudança do regime do campo aberto (*open fields*), cujos moradores eram proprietários por direito hereditário e cuja produção atendia ao próprio consumo, sempre com os mesmos produtos e sendo realizada de forma habitual. A nova concepção de propriedade - os cercamentos (*enclosures*) - surgiu no século XVII e transformou o campo em propriedade privada, que foi reforçada por atos legislativos que davam suporte a interesses de parlamentares ligados à propriedade fundiária. Além disso, a comissão designada pelo Parlamento para dividir e cercar

<sup>(1)</sup> O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: informa-nos em seu verbete “5. *Sociol.* Tipo de agrupamento social caracterizado pela pluralidade e heterogeneidade dos elementos que reúne e pelo contato físico ou imediato dos indivíduos, e que reage de maneira semelhante, mais ou menos impulsiva, aos mesmos estímulos”.

<sup>(2)</sup> Elias Canetti. MASSA E PODER. p.11-80.

<sup>(3)</sup> Letícia Bicalho Canêdo, A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL. p. 49 e seguintes.

As multidões: iluminação, deambulação e ocultamento...

as terras destinava as piores (não possuíam pasto nem água) aos pequenos agricultores, que, assim, foram obrigados a vendê-las e abandoná-las, rumando para as cidades ou vagando pelos campos.

Para resolver o problema, foi criada uma lei em 1601, visando fixar os pobres em suas paróquias, que deveriam encarregar-se deles. Em 1662, outra lei dá “o direito de devolver os pobres às paróquias de origem” e os que lá permaneciam eram submetidos a trabalhos forçados sob severa disciplina e concentrados nas *workhouses*; foram impedidos de locomover-se. Mas, como as indústrias necessitavam de mão-de-obra, fizeram pressão contra essa lei e, em 1793, o direito de locomoção lhes foi devolvido.

Além do fenômeno migratório rural para os centros urbanos, houve um grande aumento da população mundial: de 600 milhões, por volta de 1650 passou para um bilhão e 200 milhões em 1850. Além da preocupação com a escassez de alimentos, não havia emprego suficiente para absorção de toda essa mão-de-obra disponível para o trabalho. Por isso, formaram-se, nas grandes cidades, as multidões, que não tendo qualquer meta, eram obrigadas a ficar vagando noite e dia, perambulando sem cessar.

---

---

“o desemprego gerava a marginalidade, que ameaçava os pacatos cidadãos...”

---

---

A concentração populacional nos grandes centros, que crescia com o êxodo rural, multiplicava também o número de pobres que representavam um sério problema, pois o desemprego gerava a marginalidade, que ameaçava “os pacatos cidadãos” integrados socialmente. Enquanto a sociedade não dispunha de meios para absorver a população marginalizada - sem trabalho, a tecnologia, que se acelerava para alcançar maior eficiência, conseguia com menos custo maior produtividade e mais lucros, diminuindo o emprego da mão-de-obra disponível, não especializada e sujeita a mais falhas que a própria máquina.

O fenômeno das multidões foi determinado pelas modificações sociais, que também são consequência do avanço tecnológico. Por essas razões, podemos entender esse fenômeno com base nesses dois fatos: transformação social e avanço tecnológico, historicamente datados, diferente-

mente do conceito de massa que perpassa todo o percurso da história humana.

Outra característica marcante das multidões é a deambulação, nem sempre presente na massa, que pode se limitar a um determinado local, que lhe restringe o crescimento, como a que se reúne em um estádio de futebol para assistir a um jogo - é a massa fechada - que se contrapõe à massa aberta, que tende ao crescimento.

As multidões não se fixam, não param, estão sempre em movimento. O direito de locomoção, poder-se-ia dizer, é a garantia de sua existência: é o povo que caminha dia e noite pelas ruas, praças e becos das grandes cidades, como na rua Direita, em São Paulo. O desemprego e o deslocamento do lugar de origem reúnem nos centros urbanos essa população que não possui unidade. O desemprego gera a marginalidade rechaçada pela sociedade instituída, ou seja, quem está dentro do mercado de trabalho é socialmente aceito e quem está fora não pode ficar parado, porque ameaça a ordem constituída, devido às agressões por furto e outras tantas que acontecem nas sombras da noite. Esse fenômeno está, por isso, intimamente ligado à iluminação pública, que deveria eliminar a prática de atos ilícitos na escuridão que os oculta.

### As multidões e a iluminação

Sobre o condicionamento das multidões com a ajuda dos estímulos luminosos, Paul Virilio<sup>4</sup> afirma que *o homem da cidade antiga não é um homem do interior, ele está na rua salvo, ao cair da noite, por razões de segurança*. A deambulação tornou-se uma necessidade, um modo de proteção, pois significava não ser visto como uma ameaça .

“...um homem leve que não pára em um lugar, que não reflete nem mesmo sobre onde vai, que não sabe nem mesmo aonde vai e troca a noite pelo dia”.<sup>5</sup>

A iluminação gerou a imagem da multidão, de tal modo que, no final do século XVII, o delegado de polícia La Reynie inventou os “inspetores de iluminação” com a finalidade de oferecer *segurança aos*

<sup>(4)</sup> Paul Virilio. A MÁQUINA DE VISÃO.

<sup>(5)</sup> Id., *ibid.*, p.24.

As multidões: iluminação, deambulação e ocultamento...

*parisienses e estimulá-los a sair à noite.* Quando saiu de seu posto em 1697, deixou 6.500 lâmpões iluminando Paris, mesmo nas noites de lua cheia. Por isso, ela foi chamada cidade-luz.

Além da segurança, a intensidade da iluminação indicava a prosperidade econômica - “a luz artificial é em si um espetáculo logo oferecido a todos e a iluminação pública, a democratização de uma iluminação, confunde a visão de todos”<sup>6</sup> - que tem como resultado a democratização da luz artificial. Ao direito de locomoção dos pobres, contrapõe-se, por ironia, a garantia da segurança social, porque a luz é reveladora: identifica o responsável pelas agressões ao cidadão pacato. Mas a cidade-luz passa a ser conhecida como “nova Babilônia”, devido ao crescimento da população clandestina a partir do século XVIII. A iluminação cria a imagem da multidão que não pára e serve, assim, ao ocultamento.

---



---

“...onde existe a  
luz está a multidão”.

---



---

A população que se esconde não se assemelha ao indivíduo dentro da massa, cuja identidade se apaga e cujas distâncias sociais (as hierarquias familiares, do trabalho, etc.) desaparecem; não é a perda da identidade, nem o nivelamento social a sua marca, mas a clandestinidade, o ocultamento, a ilegalidade, enfim o anonimato. Na massa, as

pessoas também não possuem nome e se fazem presentes pela própria unidade coesiva da massa: o indivíduo anula-se em favor da massa, mas o ocultamento não é uma necessidade como nas multidões, onde os indivíduos precisam esconder-se, embora não percam sua identidade social, pois são caracterizados por serviços ou atividades e reconhecidos como grupos.

“O camponês pervertido e pedestre de Paris de Restif de Bretonne, observador atento, está próximo de dar lugar a um novo personagem, anônimo e sem idade, que nas ruas não procura mais um homem como Diógenes com sua lanterna acesa em pleno dia, mas busca a própria luz, pois onde existe a luz está a multidão.”<sup>7</sup>

<sup>(6)</sup> Id., *ibid.*, p.25.

<sup>(7)</sup> Id., *ibid.*, p.26.

## Os escritores das multidões

Para ilustrar sua argumentação, Virílio cita o conto *O Homem das Multidões* de Edgar Allan Poe, cujo personagem “não mora mais precisamente na grande cidade, mas na multidão densa, e seu único itinerário é o do fluxo humano onde ele avança, onde ele se encontra” e “o único terror do homem é de se ver em risco de perder a multidão sob os estranhos efeitos da luz, a rapidez com a qual o mundo de luz desaparece... Este homem que tem olhos que giram estranhamente sob as sobrancelhas franzidas em todos os sentidos, em direção a tudo que o cerca, afogados no fluxo de imagens, neste movimento em que uma figura envolve a outra incessantemente, onde a deambulação impede de lançar mais do que uma olhada sobre cada rosto”.<sup>8</sup>

São imagens que se mostram apenas uma única vez devido ao próprio movimento. A iluminação artificial modifica também o movimento dos olhos, alterando o modo de olhar e perceber o mundo. E isso se passa de tal modo que ela, em vez de desvendar a realidade fílmica das multidões, oculta a realidade social do desemprego e da marginalidade. A tecnologia cria, desse modo, com as multidões, não apenas o anonimato do indivíduo, mas também o anonimato social pela ilusão óptica provocada pela quantidade de luz artificial.

Virílio cita também Jack London que segue, passo a passo, o povo do abismo, ao referir-se a Londres, capital do império mais poderoso do mundo, cuja ... massa de deserdados, multidão de desabrigados(...) representavam mais de 10% de uma população de seis milhões de habitantes e que não tinham autorização para dormir de noite, a não ser em parques, sob os bancos ou nas ruas. Eles não paravam, portanto, de andar até o amanhecer, momentos em que lhes era permitido finalmente se instalarem em locais nos quais ninguém corria o risco de os descobrir”.<sup>9</sup>

Não há, pois, a coesão corporal como na massa que age como se fosse um único corpo conforme os estímulos, mas apenas a proximidade física. Nas multidões também está ausente a meta (que reúne a massa), que pode estar distante, algo a ser alcançado: a vida eterna, por exemplo, para

<sup>(8)</sup> Id., *Ibid.*, p. 26.

<sup>(9)</sup> Id., *Ibid.*, p.26.

As multidões: iluminação, deambulação e ocultamento...

as massas religiosas. As multidões são, em si mesmas, pertencentes à sua essência: deambulação e clandestinidade.

### Uma personagem das multidões

Para que se entenda melhor o conceito de multidões, o caminho consiste em entrar nelas e contar o que lá se passa. Talvez fosse interessante analisá-las, seguindo alguém que lá está, mas, com certeza, plagiaríamos Poe, sem a mesma inventividade e sem o brilho dos detalhes de sua narrativa.

---

“... desaparece totalmente na massa, onde a identidade e as hierarquias sociais se anulam”.

---

Para caracterizar o homem das multidões, o escritor começa por identificar os grupos que as compõem e o lugar onde estão presentes: nas ruas. A massa nem sempre possui um lugar delimitado; ela pode

estar no deserto, como Moisés e o povo hebreu que o atravessaram em busca da Terra Prometida; fora da cidade, na montanha, como Jesus que reuniu muita gente para ouvir as bem-aventuranças; nos templos em busca da vida eterna; nos estádios de futebol para assistir a um jogo; nas ruas, para ver um incêndio, etc. “Mas ao escurecer, a multidão de momento a momento, aumentava, e, ao tempo em que as luzes foram acesas, duas densas e contínuas marés de povo passavam apressadas diante da porta”.<sup>10</sup>

O lugar das multidões é a via pública, pois geradas desde a época em que a industrialização também foi responsável pelo êxodo do campo para as grandes cidades, vivem em um espaço que lhes permite a movimentação contínua. Não se concentram em lugar definido e não se deslocam linearmente por apenas um caminho para atingir um fim.

Poe analisa também os que as compõem:

“o maior número daqueles que passavam tinha um porte convencido de gente atarefada, e parecia estar pensando apenas em abrir caminho pela multidão. Franziam as sobranceiras e seus olhos rolavam com

<sup>(10)</sup> Edgar Allan Poe, p. 392.

vivacidade. Quando encontrados por outros passantes, não davam sinal de impaciência, mas consertavam a roupa e se apressavam”.<sup>11</sup>

Acrescenta-lhes outros de *movimentos inquietos* que falam e gesticulam consigo mesmos, *como se se sentissem em solidão por causa da densa turba em seu redor*. Vestiam-se de modo decente; eram o que se pode chamar atualmente de homens de negócios: "nobres, mercadores, advogados, lojistas, agiotas; os eupátridas e o lugar comum da sociedade;..." A multidão de Poe é diferente da de Virílio: aquele inclui nela todos os que lá se encontram não apenas os marginalizados: os prestadores de serviços, que se mostram pela aparência do traje, e toda uma multiplicidade que nela se inclui e que desaparece totalmente na massa, onde a identidade e as hierarquias sociais se anulam.

Poe caracteriza-a com: "os pequenos escreventes fora de moda...que usavam os restos da classe alta"; os batedores de carteira, de aparência vivaz; os jogadores profissionais, que se distinguiam dos outros por causa de alguns traços específicos (polegar formando quase ângulo reto com os demais dedos); revendedores judeus, com olhos de gavião (...); atrevidos mendigos de rua (...); mocinhas humildes, de volta de um trabalho longo e tardio (...); prostitutas de todas as espécies e de todas as idades,...); a repugnante e esfarrapada leprosa (...); a bruxa enrugada cheia de jóias (...); a simples criança de formas imaturas (...); ébrios inumeráveis (...); além desses, vendedores de empadas, carregadores, carvoeiros, limpadores de chaminés, tocadores de realejo, exibidores de macacos, vendedores de modinhas (...), artífices esfarrapados e operários exaustos..."<sup>12</sup>

A variedade de grupos retrata a multidão, cuja retícula fisionômica se constitui de muitos rostos, cuja composição se expressa por nomes no plural. Embora com características peculiares de anonimato, permanece ainda uma certa identidade na variedade (diferindo da massa que elimina toda ela), que atende de modo frágil à clandestinidade; não há identidades individuais, mas grupais.

A multidão, de certa forma, conserva o gregário sem identificar individualmente cada componente dos grupos que a constituem; já a massa anula completamente qualquer individualidade e qualquer identidade grupal: ela se identifica de forma ampla e pela meta.

<sup>(11)</sup> Id., *ibid.*, p.394.

<sup>(12)</sup> Id., *ibid.*, p. 395.

As multidões: iluminação, deambulação e ocultamento...

Não satisfeito em analisar os grupos que compõem a multidão, o narrador de Poe resolve encontrar o rosto da multidão, saindo da visão gregária dos seres humanos que não se reúnem por relações individuais, mas por características sociais comuns que os classificam. Relacionando imagem e luz, busca-se a leitura “*naquele breve intervalo de um olhar, a história de longos anos*”<sup>13</sup>, quando Poe mantém o rápido movimento do olhar a que se referiu Virilio para a entrevisão da história sem identidade.

A escolha é coerente, recaindo sobre *um velho decrépito, de uns sessenta e cinco ou setenta anos de idade*, por cuja história se interessa:

“Que estranha história não estará escrita naquele peito! (...) idéias de vasto poder mental, de cautela, de sordidez, de avareza, de frieza, de malícia, de sede de sangue, de triunfo, de alegria, de excessivo terror, de intenso e supremo desespero”.<sup>14</sup>

Na primeira leitura que faz do velho, mostra um certo medo dos indivíduos que formam a multidão, mas isso poderia ser também um recurso narrativo de que lança mão para prender a atenção do leitor sobre certas características que não se confirmam ao final do conto, pois todo terror e desespero decorrem do medo que a personagem tem de ser excluída da multidão. A leitura a que se propõe, aqui, é uma tergiversação da leitura, ou dito de outra forma, é uma leitura com olhos de contista e não de observador imparcial. Mas como a deambulação é a marca registrada das multidões, o velho movimentava-se e o narrador procura fazer a leitura, seguindo-o. Passa, portanto, a integrá-las, tornando-se o narrador de dentro. Ele o descreve:

“baixa estatura, muito magro e, ao que parecia, muito fraco. Suas roupas em geral estavam sujas e rotas; mas, ao passar ele, de vez em quando sob o forte clarão de uma lâmpada, percebia que sua camisa, embora suja, era de um belo tecido”.<sup>15</sup>

O medo leva o narrador a outra entrevisão, não mais da leitura da história do personagem, mas da observação de “*entrever o brilho de um diamante e de um punhal*” - metáfora de luz-movimento que se justifica no fato de que pertencer à multidão é “estar entre” indivíduos

<sup>(13)</sup>Id., *ibid.*, p.395.

<sup>(14)</sup>Id., *ibid.*, p. 396.

<sup>(15)</sup>Id., *ibid.*, p. 398.

cujos olhares movimentam-se rapidamente para ver uma única vez o rosto transeunte. Mesmo debaixo de intempéries como a chuva, a multidão é sempre uma expressão coletiva: enorme quantidade de guarda-chuvas, ondulação, acotovelamento, burburinho.

O narrador continua a seguir o velho, que é pura movimentação:

“...caminhava mais devagar,...Atravessou e reatrabessou a rua, repetidamente, sem objetivo visível;...uma segunda volta. O queixo caiu-lhe sobre o peito, enquanto os olhos rolavam, alucinados, sob as sobranceiras contraídas em todas as direções e sobre todos os que o cercavam;...voltava a refazer o mesmo caminho. Fiquei ainda mais atônito por vê-lo repetir o mesmo passeio muitas vezes”.<sup>16</sup>

Depois, o velho vai por uma viela, *desembocando num vasto e rumoroso mercado. Entrou em loja após loja, sem nada apreçar, não dizendo uma palavra*. E assim vai o personagem das multidões cujas ações se expressam com os verbos: precipitar-se, olhar ansioso, correr, desembocar, enveredar, sair etc. A parada somente acontece com ansiedade, mas para, em seguida, buscar novamente a multidão.

“O desconhecido parou e, por um instante, pareceu perdido em meditação. Depois, com todos os sinais de agitação, seguiu com rapidez uma estrada que nos levou aos confins da cidade(...). Contudo, enquanto avançávamos os rumores da vida humana se foram gradativamente reavivando e, por fim, grandes bandos da gentilha mais miserável de Londres eram vistos aos ziguezagues, para lá e para cá”.<sup>17</sup>

---

“(...) o homem das multidões é movimento e medo de solidão, pois a toda ameaça de ficar só, ele se desespera”.

---

A ausência de objetivo é a marca principal da multidão: *o velho abriu passagem para dentro, retomou seu porte primitivo e, sem objetivo aparente, andava para lá e para cá, em meio à multidão* - a constante deambulação é o que importa. Ela não se faz por um caminho linear aberto, mas em círculos como se fosse um eterno recomeçar: o velho volta:

<sup>(16)</sup>Id., *ibid.*, p. 399.

<sup>(17)</sup>Id., *ibid.*, p.400.

As multidões: iluminação, deambulação e ocultamento...

“...ao coração da poderosa Londres (...) e, quando mais uma vez, alcançamos aquele tumultuosíssimo mercado da populosa cidade, na rua do Hotel D, apresentava ele um aspecto de animação e atividade humana pouco inferior ao que eu vira na tarde anterior (...) Mas como sempre ele andava para lá e para cá, e durante o dia não saiu do turbilhão daquela rua. (...) Ele se recusa a estar só. É o homem das multidões. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos. Ele não se deixou ler”.

Assim, o homem das multidões é movimento e medo de solidão, pois a toda ameaça de ficar só, ele se desespera. A aversão pelo toque não se apaga totalmente dele, como acontece com o indivíduo que se encontra no meio da massa. O movimento incessante, cujo único espaço é o urbano: ruas, praças e locais movimentados - não se limita nunca e não se consome na descarga como a massa que quebra objetos, incendeia casas, destrói veículos.

Na multidão a descarga não existe, pois ela não se constitui corpo vivo pronto, prestes a reagir a qualquer ameaça externa; a ela não se permite o estouro, porque simplesmente não se situa em lugares fechados que possibilitam a abertura como na massa; ela simplesmente deambula no anonimato, é movimento. Como imagem que se faz com e pela luz, oculta a realidade; em vez de desvendar os rostos, descaracteriza-os: são imagens que se movimentam e se deixam apenas entrever momentaneamente.

Além disso, não é possível, como fazem as massas religiosas universais, domesticar as multidões: elas não se estancam em hipótese alguma. Também, não há igualdade absoluta entre os componentes da multidão como há na massa, que tende sempre a crescer coesivamente e depois a desintegrar-se. O crescimento da multidão advém de causas exteriores à sua própria constituição; sua desintegração é quase impossível, pois o crescimento populacional é irreversível nos dias atuais.

Por fim, diferentemente da massa que possui uma direção, a multidão anda em círculos (o personagem de Poe retorna ao Hotel D, por três vezes). Mas a densidade é peculiar a ambas: aquela possui maior coesão porque se une por meio da meta, mas tende a desintegrar-se quando a meta não tem mais razão de ser; nesta a densidade é espontaneamente

irreversível, porque é a imagem da tecnologia da sociedade das luzes que cria a imagem em movimento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANÊDO, Leticia Bicalho. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL (Col. Discutindo a História) 9ª ed. S.Paulo: Atual e Campinas/SP: Editora da UNICAMP,1987.
- CANETTI, Elias. MASSA E PODER .Brasília: Editora da Universidade de S.Paulo Melhoramentos, 1986. Trad. de Rodolfo Krestan.
- POE, Edgar Allan. FICÇÃO COMPLETA: Poesia & Ensaios. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1981.
- SIMONDON, Gilbert. DU MODE D'EXISTENCE DES OBJETS TECHNIQUES. Paris:Aubier-Montaigne, 1969.
- VIRILIO, Paul A MÁQUINA DE VISÃO. Rio de Janeiro: José Olympio Editora,1994. Trad. de Paulo Roberto Pires.